

Capítulo I

Sir Walter Elliot, dono do solar de Kellynch, em Somersetshire, era um homem que, para seu próprio entretenimento, nunca pegava noutro livro que não o *Baronetage*¹; ali encontrava ocupação para momentos de lazer e consolo para momentos de angústia; ali via a sua admiração e o seu respeito estimulados, através da contemplação dos resíduos limitados dos títulos nobiliárquicos mais antigos; ali quaisquer sensações desagradáveis provocadas por assuntos domésticos se transformavam naturalmente em misericórdia e desdém, enquanto folheava as quase infindáveis ordens criadas no século anterior — e ali, quando todas as outras folhas eram ineficazes, podia ler a sua própria história com um interesse que nunca esmorecia — era esta a página na qual o seu volume preferido se abria invariavelmente:

ELLIOT, DO SOLAR DE KELLYNCH

Walter Elliot, nascido a 1 de Março de 1760, casado a 15 de Julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, cavalheiro de South Park, no condado de Gloucester; de cuja esposa (falecida em 1801) teve como descendentes Elizabeth, nascida a 1 de Junho de 1785; Anne, nascida a 9 de Agosto de 1787; um filho nado-morto, a 5 de Novembro de 1789; e Mary, nascida a 20 de Novembro de 1791.

Com esta forma exacta tinha o parágrafo saído originalmente das mãos do impressor; mas Sir Walter conseguira melhorá-lo, acrescen-

tando, para benefício próprio e da sua família, as seguintes palavras depois da data do nascimento de Mary — «casada a 16 de Dezembro de 1810 com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, cavaleiro de Uppercross, no condado de Somerset», — e inserindo com grande rigor o dia do mês em que perdera a sua esposa.

Seguia-se a história da ascensão daquela antiga e venerável família, nos termos habituais: como se instalara em Cheshire; como fora mencionada por Dugdale² — referindo o cargo de *High Sheriff*³, a representação do município no parlamento em três legislaturas consecutivas, com demonstrações de lealdade e dignidade, próprias dos baronetes, no primeiro ano do reinado de Carlos II, bem como todas as Marys e Elizabeths que tinham desposado; formando ao todo duas belas páginas em duodécimo, e concluindo com o brasão de armas e a divisa, «Residência principal, Solar de Kellynch, no condado de Somerset», e um remate na caligrafia de Sir Walter: «Presumível herdeiro, cavaleiro William Walter Elliot, bisneto do segundo Sir Walter.»

O carácter de Sir Walter começava e acabava na vaidade; vaidade na sua pessoa e na sua condição. Fora um homem excepcionalmente belo na juventude; e agora, aos cinquenta e quatro anos, ainda exibia um porte considerável. Poucas mulheres pensavam mais na sua aparência do que ele; nenhum valete de um lorde recém-empossado se sentia mais satisfeito com a sua posição na sociedade. Considerava a beleza um privilégio apenas inferior ao da baronia; e Sir Walter Elliot, que reunia os dois, era objecto constante do seu mais caloroso respeito e devoção.

Havia pelo menos um motivo para a sua aparência e posição social justificarem tamanha estima; pois a esses atributos devia certamente uma esposa com um carácter muito superior ao que o seu merecia. Lady Elliot fora uma excelente, sensata e afável esposa; cuja conduta e discernimento, se lhes pudesse ser perdoado o desvio de juventude que a tornara Lady Elliot, nunca precisaram de tolerância adicional. Durante dezassete anos, ela suportara, atenuara ou ocultara os defeitos dele, e ajudara a promover a sua respeitabilidade; e, embora não fosse a criatura mais alegre do mundo, encontrara nos seus deveres, na família e nas filhas razões suficientes para se prender à vida, e para não reagir com indiferença quando esta chegou ao fim.

Três raparigas, as mais velhas com dezasseis e catorze anos de idade, eram uma terrível herança para uma mãe deixar; uma responsabilidade horrível, melhor dizendo, para confiar à autoridade e orientação de um pai tolo e presunçoso. Ela tinha, no entanto, uma amiga íntima, uma mulher sensata e meritória, que se instalara, em virtude dos fortes laços que as uniam, perto de si, na aldeia de Kellynch; e era principalmente na sua ajuda e nos seus bondosos conselhos que Lady Elliot se inspirava para manter a educação e os bons princípios que tão ansiosamente procurava transmitir às filhas.

Esta amiga e Sir Walter *não* casaram, por muito que tal decisão pudesse ter sido antecipada. Treze anos tinham passado desde a morte de Lady Elliot e ambos permaneciam vizinhos e amigos íntimos; e ambos viúvos.

Que a Lady Russell, de idade e carácter estáveis, e com situação económica extremamente confortável, não tenha ocorrido a possibilidade de um segundo casamento, é coisa que não precisa de ser justificada ao público em geral, mais propenso a manifestar de forma pouco razoável a sua discordância quando uma mulher *volta* a casar do que quando *não* o faz; mas a insistência de Sir Walter em permanecer solteiro requer uma explicação. Saiba-se, portanto, que Sir Walter, como bom pai que era (e tendo sofrido uma ou duas rejeições privadas depois de tentativas bastante insensatas), fazia questão de permanecer solteiro pelo bem das suas queridas filhas. Por uma delas, a mais velha, teria mesmo abdicado de tudo, algo que até então não se sentira tentado a fazer. Elizabeth herdara, aos dezasseis anos, tudo quanto era possível dos direitos e importância social da mãe; sendo muito bonita, e muito parecida com o pai, a sua influência sobre ele sempre fora grande, e sempre se tinham entendido muito bem. As duas outras filhas eram de valor muito inferior. Mary adquirira alguma importância artificial ao tornar-se esposa de Charles Musgrove; mas Anne, cuja mente ágil e carácter dócil a teriam destacado aos olhos de qualquer pessoa com verdadeiro discernimento, não era ninguém para o pai ou a irmã; a sua opinião não tinha qualquer peso; o seu instinto era sempre ceder — era apenas Anne, e nada mais.

Para Lady Russell, no entanto, era a predilecta, uma querida e muito prezada afilhada, e amiga. Lady Russell amava as três; mas só em Anne via a possibilidade de a mãe renascer.

Alguns anos antes, Anne Elliot fora uma rapariga bonita, mas o brilho dissipara-se cedo; e como, mesmo no seu apogeu, o pai pouco encontrara nela digno de apreço (tão diferentes dos seus eram aqueles traços delicados, aqueles olhos escuros e serenos), já nada restava, agora que a frescura esmorecera, capaz de despertar a sua estima. Nunca tivera grandes esperanças, e agora não tinha nenhuma, de alguma vez encontrar o nome dela em alguma página do seu livro preferido. Toda e qualquer hipótese de uma aliança entre iguais repousava agora em Elizabeth; pois Mary limitara-se a associar o seu nome ao de uma família respeitável e com algum dinheiro, tendo assim *fornecido* toda a honra sem receber nenhuma; Elizabeth, mais tarde ou mais cedo, havia de encontrar um par adequado.

Por vezes acontece que uma mulher fica mais bonita aos vinte e nove anos do que aos dezanove; e, de um modo geral, se não faltou saúde nem tranquilidade, essa é uma idade em que nenhum do encanto se perdeu. Assim era com Elizabeth; ainda a mesma esbelta Miss Elliot que começara a ser treze anos atrás; Sir Walter poderia assim ser perdoado por esquecer a idade dela, ou, pelo menos, ser considerado apenas meio tolo, por acreditar que Elizabeth e ele permaneciam tão frescos como sempre, no meio dos destroços da beleza de todos os outros; pois ele observava com nitidez a velocidade com que o resto da família, e os seus conhecidos, envelheciam. Anne macilenta, Mary grosseira, cada rosto na vizinhança a degradar-se; e o rápido avanço dos pés-de-galinha pelas têmporas de Lady Russell há muito que o afligia.

Elizabeth não partilhava o mesmo sentimento de satisfação pessoal do pai. Durante treze anos fora a senhora do solar de Kellynch, organizando e dirigindo tudo com uma firmeza e autoconfiança que nunca poderiam dar a impressão de ser mais nova do que era. Durante treze anos fizera as honras da casa, e estipulara as leis domésticas, e entrara primeiro nas carruagens, e saíra imediatamente atrás de Lady Russell de todos os salões e salas de jantar da região. As geadas de treze Invernos tinham-na visto inaugurar cada baile que a aldeia empobrecida se dava ao luxo de organizar; e treze Primaveras em flor tinham assistido à sua viagem anual para Londres, na companhia do pai, para gozar durante algumas semanas os prazeres do vasto mundo. Tudo isto ela sabia; com os seus vinte e nove anos tinha também consciên-

cia suficiente para sentir alguma apreensão e alguns arrependimentos. Ainda se acreditava tão bela como sempre fora; mas sentia que se aproximava dos anos perigosos, e regozijar-se-ia se tivesse a certeza de uma proposta de casamento de alguém com sangue nobre no próximo ano ou no seguinte. Talvez assim pudesse pegar no livro dos livros com tanto prazer quanto o que sentira no início da sua juventude; mas agora não era capaz. Deparar apenas com a sua data de nascimento, sem qualquer indicação subsequente de matrimônio, a não ser o da sua irmã mais nova, tornava o livro um objecto maligno; mais do que uma vez, sempre que o pai o deixara aberto sobre a mesa, Elizabeth fechara-o, afastara-o para longe da vista.

Havia, além do mais, uma desilusão passada, que esse livro, em especial a história da sua própria família, lhe trazia sempre à memória. O presumível herdeiro, o mesmo cavalheiro William Walter Elliot, cujos direitos eram tão generosamente defendidos pelo seu pai, fora o responsável por essa desilusão.

Quando era uma rapariga muito nova, assim que percebeu que, na eventualidade de um irmão nunca chegar, ele seria o novo baronete, Elizabeth decidira desposá-lo; e o pai sempre mostrara a mesma intenção. O jovem não fazia parte do seu círculo, mas Sir Walter procurara, logo depois da morte de Lady Elliot, estabelecer relações com ele e, embora as suas diligências não tenham sido acolhidas com qualquer entusiasmo, mostrara-se perseverante, atribuindo o retraimento à timidez própria da juventude; e numa das excursões primaveris a Londres, quando a beleza da própria Elizabeth florescia, Mr. Elliot fora empurrado para uma apresentação formal.

Era naquela altura apenas um jovem, que acabara de iniciar os seus estudos de Direito; Elizabeth achara-o extremamente agradável, e incentivara cada plano passível de os aproximar. Foi convidado para visitar o solar de Kellynch, onde foi motivo de conversa e ansiedade durante o resto do ano; mas nunca apareceu. Foi novamente visto na cidade durante a Primavera seguinte, novamente considerado agradável, novamente encorajado, convidado e esperado, e mais uma vez não apareceu; quando voltou a haver notícias dele, davam conta de que tinha casado. Em vez de procurar a sorte destinada ao herdeiro da Casa de Elliot, optara por comprar a sua independência, unindo-se a uma mulher rica, mas de condição inferior.